

Nascimento, Evando. *O Pensamento Vegetal: a Literatura e as Plantas*. Civilização Brasileira, 2021.

A etimologia do verbo ‘vegetar’ apresenta significados múltiplos e contraditórios, podendo expressar tanto o ato de crescer e desenvolver-se, usualmente empregado no contexto vegetal, como também, a ausência de interesse, atividade mental e mobilidade, quando empregado para referir-se a seres humanos. A contradição inerente à construção e emprego de significados deste verbo é o ponto de partida de Evando Nascimento em seu mais recente livro de ensaios intitulado *O Pensamento Vegetal: a Literatura e as Plantas*. O pensador, ensaísta, escritor e professor propõe um estudo inovador e pioneiro visando uma transformação radical na produção do conhecimento. Por meio de um diálogo profícuo entre diversos campos epistemológicos, Nascimento define seu processo de escrita como um experimento humanístico-científico. Ao entrelaçar neurobiologia, botânica, filosofia ocidental, pensamento indígena brasileiro e arte, Nascimento argumenta que o mundo vegetal somente poderá ser percebido, entendido e respeitado a partir de sua potência ética, estética e política, promovida por meio de um profundo processo de descolonização e descentralização da produção de conhecimentos.

Entrelaçamento é um conceito chave do projeto *fitopolítico* proposto pelo pensador. O entrelaçamento de campos epistemológicos é um exemplo contundente de produção de conhecimentos descentralizados e descoloniais. Nascimento parte da hipótese de que a dicotomia entre a construção do saber científico e humanístico somente poderá ser fraturada e, eventualmente, superada, a partir do reconhecimento das relações entre viventes vegetais, animais e humanos como mutuamente constitutivas. Nascimento testa seu experimento humanístico-científico por meio do que ele denomina como *exemplos singulares*, para nomear a relação interespecífica entre os viventes. A teorização, exemplificação e entendimento desta relação é exposta a partir do entrelaçamento entre argumento, teoria, ciência e sensibilidades (14). Assim, *O Pensamento*

Vegetal promove um duplo movimento ontológico. Por um lado, advoga por epistemologias rechaçadas pela hegemonia do pensamento ocidental. Ao mesmo tempo oferece um outro fazer epistemológico que perpassa não só pela aceitação mas, principalmente, pela incorporação das plantas como seres dotados de agência, sensibilidade e um modo único de habitar e pensar o mundo.

Ao longo de dez ensaios, cuja possibilidade de leitura não-linear emula a construção de um saber não-hierárquico proposta pela própria obra, Nascimento tece uma crítica rigorosa à ausência e desvalorização do potencial das plantas como seres vivos da formação da ontologia ocidental. Destaco aqui o capítulo 02 - ‘Vidas Precárias’ por abordar não só uma crítica à pulsão de morte como projeto político do presidente Jair Bolsonaro, como também à ênfase dada à “defesa ampla e irrestrita do direito à vida, e não apenas a defesa dos direitos humanos, os quais devem igualmente continuar como prioritários” (84). Para Nascimento, a ampliação do entendimento do conceito de direitos para todos os seres vivos urge ser feita através de uma *fitografia*, ou uma escrita vegetal “que se aproveita do rastro das plantas, para poder haurir a energia que nos permite sobreviver, e no limite da arte, sobreviver” (ibid). A importância da arte como plataforma de supervivência é encapsulada na *poética das sensitivas*, conceito amplamente teorizado e exemplificado ao longo dos ensaios, por uma espécie de historiografia da *fitoliteratura* em língua portuguesa.

Para definir a *poética das sensitivas*, Nascimento parte de suas memórias infantis afetivas com e na natureza (conceito este que urge ser revisto, segundo o autor), de sua relação com a literatura (como leitor e escritor), além de um profícuo diálogo com Stefano Mancuso—renomado botânico, conhecido por seus estudos em neurobiologia vegetal—e Jacques Derrida—filósofo fundador da teoria da desconstrução—para propor uma memória vegetal. Mancuso buscou exemplificar a capacidade mnemônica dos vegetais, a partir de experimentos feitos com a *Mimosa sensitiva*, popularmente conhecida como ‘planta dormideira.’ Enquanto Derrida

propôs o ‘pensamento do rastro’ para contemplar a aceitação de outras formas de comunicação, a partir de linguagens não-verbais, desafiando o pensamento logocêntrico ocidental. A *poética das sensitivas*, assim, materializa o potencial mimetizador da literatura, dando corpo a outros entendimentos de linguagem a partir do estar no mundo da *Mimosa sensitiva*, cujos “sentimentos e reações não são de um vivente animal, *mas age como se fosse um*” (88, ênfase do autor). Portanto, a *poética das sensitivas* resulta do entrelaçamento de teorias humanísticas-científicas, cuja validade é comprovada por Nascimento através da plasticidade da linguagem literária, por meio de pequenas ‘amostras’ que transcendem os limites da ciência e da própria linguagem *per se*. Vale ressaltar que Nascimento foi estudante de Derrida durante parte de seu doutoramento no início da década de 90, fato este que não o impediu de criticar a ausência das plantas da filosofia proposta de um dos seus mestres. Ao mesmo tempo, Nascimento reconhece e exalta a importância do legado derridiano por este ter sido um dos primeiros filósofos do século XX a incorporar viventes não-humanos em seu fazer filosófico.

Nos capítulos subsequentes, Nascimento inova ao oferecer não somente uma interpretação *fitocentrada* a suas ‘amostras’ mas, principalmente, ao deslocar o fazer epistemológico desconstruído de Derrida para um espaço outro, onde a disseminação de ideias é inspirada pelo modo de sobreviver das plantas. A capacidade mimetizadora e de supervivência das plantas é explorada no capítulo 03 ‘Alberto Caeiro/Fernando Pessoa: A Irmandade das Plantas.’ Destaco a análise de *O Guardador de Rebanhos* pela ênfase dada ao potencial transformador da poesia como materialização de “um pensamento radical (que vem das raízes) e não [é unicamente] filosófico. Só o sentir define o humano, não como ‘animal racional,’ (...) mas como animal-que-sente” (98). Já no capítulo 07, ‘Clarice e as Plantas: a Poética e a Estética das Sensitivas,’ destaco o foco no potencial transmutador da ficção clariciana, por “tornar possível uma experiência quase impossível: o sentir-se outro, ou melhor, o sentir-se como o outro ou a outra se sentiriam em tais ou quais circunstâncias” (198). A análise do conto *Amor*, centrada

na relação multissensorial da protagonista Ana com a fauna do Jardim Botânico, define a poética das sensitivas: “uma composição de plantas selvagens e feras, mundo vegetal e animal, como também mundo mineral, inelutavelmente entrelaçados, levando Ana a outra percepção da existência, mais radical, enciopada, sumarenta, vertiginosa” (216).

Nascimento ainda entrelaça a produção artística do século XX às obras publicadas nas primeiras décadas do século XXI, como o romance *A Visão das Plantas* de Djamilia Pereira de Almeida, os poemários *Livro dos Jardins* de Ana Martins Marques e *O Vivo* de Adriana Lisboa. A partir desta perspectiva singular e acolhedora de um fazer literário com e sobre plantas em língua portuguesa, o pensador expõe não somente o protagonismo vegetal, mas, principalmente, como um entendimento outro de humanismo já compunha o projeto político, estético e ético da produção literária no século XX e como este movimento *fitoliterário* vem se acentuando na contemporaneidade. A ousadia na proposta de uma construção de pensamentos descolonizados é explorada no capítulo 09, ‘Hegel, as Descolonizações e o Pensamento Indígena (Ailton Krenak, David Kopenawa).’ Nascimento contrasta a abordagem especista, instrumentalizadora e racionalista proposta por Hegel, com formas outras de pensar e relacionar-se com alteridades, a partir do pensamento proposto por indígenas brasileiros. Sua análise vai além, ao enfatizar que a força das ideias de Krenak e Kopenawa “propõem um pensamento verdadeiramente inovador, relacionado, com efeito, às alteridades humanas, animais, vegetais e minerais” (269), em oposição ao fazer filosófico eurocêntrico, incapaz de expressar “uma estética e poética da existência indígena” (272).

A temática literatura e plantas, ainda incipiente na teoria e na crítica literária, que privilegiou até então a relação entre literatura e animais, é radicalmente deslocada por Evaldo Nascimento. O ímpeto disseminador de seu pensamento vegetal reverberou no convite para participar da primeira curadoria coletiva da Feira Internacional de Paraty (FLIP), em dezembro de 2021. Nascimento e Stefano Mancuso promoveram um diálogo potente, descolonizador e acolhedor acerca da relação entre literatura e plantas. A

contribuição de *Pensamento Vegetal: a Literatura e as Plantas* é de estimada valia para diversas áreas de pesquisa, desde os Estudos Culturais, Decoloniais, Literários e Filosóficos até a estudos inovadores nos campos da Botânica e da Neurobiologia Vegetal. Doravante, Nascimento nos convida a re-interpretar o ato de pensar a partir da potência de acolhimento de “*alteridades distantes ou próximas em sua mais radical diferença, sabendo que algo nelas de muito familiar também nos habita*” (342, ênfase no original).

Andressa Maia
Brown University